

A CASA TOMBADA: UM LUGAR PARA CULTIVAR A VIDA JUNTO

Ângela Castelo Branco¹, Giuliano Tierno²

RESUMO

Neste ensaio apresentamos a história d'A Casa Tombada, um espaço nomeado como lugar de arte, cultura e educação que nasceu na cidade de São Paulo em 2015. Refletimos sobre suas mudanças durante a pandemia de Covid-19, além de sua expansão online a partir daquele momento, nomeando-se A Casa Nuvem. Ao longo do texto são apresentadas “cenas fulgor”, conceito criado pela escritora Maria Gabriela Llansol (1994) para nomear “uma morada de imagens”, com acontecimentos que contribuíram para os principais pensamentos abordados aqui. A saber: o sentido de lugar; a escolha pelo estético convívio e a articulação entre produção cultural, práticas artísticas e práticas formativas com vistas à vinculação. Por fim, consideramos que a potência de inventar a vida num'A Casa está alicerçada na aliança entre ensino, amizade e vida familiar.

Palavras-chave: Casa. Arte. Cultura. Educação. Vinculação.

ABSTRACT

In this essay we present the history of A Casa Tombada, a space named as a place for art, culture and education that was born in the city of São Paulo in 2015. We reflect on their changes during the pandemic of COVID-19, as well as its expansion from that moment on, naming itself A Casa Nuvem. Throughout the text, scenes in fulgor are presented, a concept created by the writer Maria Gabriela Llansol (1994), to denote “an abode of images”, with events that contributed to the main reflections addressed by the text. Namely: the sense of place; the choice for aesthetic cultivation and the articulation between cultural production, artistic practices, and formative practices with a view to linking. Finally, we consider that the potency of inventing life at A Casa is grounded in the alliance between teaching, friendship, and family life.

Keywords: Home. Art. Culture. Education. Bonding.

1 Poeta e arte-educadora. Doutora em Artes pelo Instituto de Artes da Unesp. Mestre em Educação Brasileira pela Unesp. Sócia-fundadora d'A Casa Tombada – Lugar de Arte, Cultura, Educação. Criadora do curso de pós-graduação lato sensu Gestos de Escrita como prática de risco. E-mail: acastelobrancoteixeira@gmail.com.

2 Narrador e arte-educador. Doutor e mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Unesp. Sócio-fundador d'A Casa Tombada. Criador do curso de pós-graduação lato sensu Narração Artística: caminhos para contar histórias em contexto urbano. E-mail: giulstierno@gmail.com.

INTRODUÇÃO³

Este ensaio, escrito a quatro mãos, busca partilhar, por meio da narrativa de *cenias fulgor*, como A Casa Tombada⁴, um espaço dedicado às práticas culturais e formativas nos campos da arte, da cultura e da educação, tem sido um lugar para cultivar a vida junto.

Em primeiro lugar, vamos contar a história do surgimento d'A Casa, do seu caminho e suas transformações ao longo destes quase oito anos de existência. Entendemos que contar esta história pode ser uma forma de dar a ver os nossos modos de mantê-la em movimento.

Ao partilharmos este percurso, temos convicção de que igualmente fortalecemos a propulsão necessária para seguirmos nessa trajetória como um espaço autossustentável que busca aproximar a produção cultural, as práticas artísticas e os processos de formação, sejam estes de formato livre, extensivo ou universitário, de modo presencial ou online.

Quando dizemos autossustentável, nos referimos às condições materiais de manutenção diária das nossas práticas artísticas e/ou formativas, pois não somos sustentados por recursos contínuos, seja de mantenedor privado, seja por financiamento público. Esporadicamente somos contemplados por editais públicos de fomento na área da cultura, o que por vezes nos ajuda a ofertar atividades gratuitas. Na maior parte do tempo de sua existência, A Casa cotiza os valores envolvidos numa determinada prática (a partir de seu custo) entre as pessoas interessadas em vivenciar aquela experiência conosco, priorizando a sua realização em detrimento da acumulação de capital. Temos também um programa de bolsas de estudos integrais, com vistas a enfrentarmos as desigualdades históricas. É a confiança nas nossas intenções e de todas as partes envolvidas em determinada ação (A Casa, pessoa proponente, público interessado) que a torna realizável e sustentável.

3 Agradecemos especialmente à professora Luiza Helena da Silva Christov, inspiração maior para a abertura e continuidade d'A Casa Tombada; a todas as pessoas que ensinam e aprendem n'A Casa: limpeza, manutenção, coordenação, administração, professores, estudantes, secretaria; a todas as gentes que fazem A Casa ser uma casa boa de estar. Agradecemos também ao CPF Sesc SP, em nome do querido Edson Martins, por convidar A Casa Tombada a compor o projeto Casas: Espaços de Produções Culturais, que, por meio de nossa participação, nos permitiu conhecer muitas outras casas e contribuir para um pensamento mais aprofundado nosso e de nossos pares acerca de modelos diversos de gestão cultural.

4 Parte considerável de nossa história e de nossas ações pode ser consultada no site d'A Casa www.acasatombada.com; também é possível conhecer as produções de saberes nascidas das nossas práticas formativas no endereço <http://biblioteca.acasatombada.com.br>.

No primeiro tópico contaremos um pouco da história de formação d'A Casa Tombada e seus desdobramentos, as dobras que compõem a sua trajetória, nada reta. Já no segundo tópico, buscamos narrar algumas *cenar fulgor* ou, como definiu a escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol (1994), de quem nos apropriamos deste conceito “a fonte oculta da vibração e da alegria, em que uma cena — uma morada de imagens —, dobrando o espaço e reunindo diversos tempos, procura manifestar-se” (p. 128), compreendendo que estas sustentam os fios invisíveis, para nós absolutamente concretos, da estrutura de gestão e de construção dos modos de estar, sentir, sustentar e pensar a produção artística e cultural, os projetos curatoriais, as ferramentas de gestão e os modelos formativos d'A Casa.

No último tópico, buscamos refletir, dando-nos a liberdade de um movimento poético-filosófico, sobre os nossos princípios que envolvem a consolidação de processos epistêmicos que têm fundamentado, sobretudo, as nossas práticas formativas ao longo destes anos.

Por fim, concluímos este ensaio pensando de que maneira A Casa Tombada pode ser um dispositivo potente para nos tornarmos quem somos e como para este fim é fundamental a vinculação.

Desejamos que este texto consiga traduzir nossa comoção ao longo destes anos, sendo um espaço alternativo, autossustentável, sustentado muitas vezes a duras penas ou, sabemos lá como pode ser nomeado um lugar como A Casa Tombada, que exige a confiança dos pares como princípio e a aliança sincera e generosa entre as partes para que a sua existência seja possível.

1. AFINAL, O QUE É A CASA TOMBADA?

Em 2015, decidimos, depois de uma trajetória como artistas, gestores e professores de arte e educação em diversas instituições públicas e privadas, que era hora de nos darmos um'A Casa, exercitarmos um território mais livre, mais ágil do ponto de vista da articulação entre projetos e pessoas, compreendendo o valor das operações administrativas, mas dando maior espaço para o encontro criativo e vivo entre as pessoas, tanto para produção cultural como para ações formativas.

Desejamos um lugar onde pudéssemos articular uma rede de pessoas capaz de sentir, pensar, dizer as relações de solidariedade entre o estudo acadêmico, as práticas artísticas, a produção cultural e a própria vida, considerando como princípio o lastro de experiências de todas as pessoas que chegavam n'A Casa, sem uma hierarquização prévia de quais são as trajetórias que importam, radicalizar na decisão de que todas as

experiências importam e devem ser respeitadas, e mais, podem ser profundas contribuições para a expansão da vida quando refletidas, contadas, escritas, partilhadas e associadas a outras trajetórias por meio das vinculações possíveis.

É importante explicitar que não havia um projeto sonhado ou desenhado para tirarmos do papel. Havia apenas e tão somente inquietações insistentes ao observar que, no paradoxo fundamental daquilo que é institucionalizado, há sempre um imenso desconforto, como se nossas palavras fossem para um lado e nossas mãos desejassem ir para outro, uma espécie de sobreposição das relações operacionais, logísticas, organizativas que nos atinge como um tipo de mal-estar ancestral/espiritual.

São as mãos nuas que, com as pontas dos dedos, com as palmas e com toda a sua sensibilidade, podem descobrir a diferença entre um objeto e uma pessoa (...). No entanto, as mãos equipadas com instrumentos não possuem a sensibilidade das mãos nuas. Não podem distinguir um objeto de uma pessoa. Tudo se tornou manipulável (...). Nas mãos armadas dos instrumentos, prevalece um estranho solipsismo: estão sozinhas no mundo e não podem mais reconhecer outras mãos. E isso é o mais perigoso, porque, se não há outra pessoa, o fazer se torna um gesto absurdo. (FLUSSER apud LARROSA BONDÍA, 2018, p. 77)

“Distinguir um objeto de uma pessoa”, “reconhecer outras mãos” e não compactuar com a naturalização do “gesto absurdo”, como nos dá a ler Flusser, nos pareceu um modo de estar no mundo a partir d’A Casa. Nossas perguntas propulsoras foram e continuam sendo: *É possível não separar o fazer do pensar e do sentir? É uma utopia inalcançável ou somos mesmos capazes de viver uma convivência ética-estética-política-poética conosco, com os outros e com o mundo?* Não são perguntas para respondermos; são, como dissemos, uma propulsão, motor contínuo de busca, bússola permanente para nortear e sulcar os nossos corpos, nossas volições, nossos encontros.

A força para darmos o passo de abertura d’A Casa veio ao encontro de duas experiências. A primeira diz respeito à ocupação de nosso quintal de casa. Há alguns anos, como também somos companheiros de vida e à época morávamos numa casa no bairro da Pompeia, na cidade de São Paulo, abríamos o nosso quintal para a partilha de saberes. Aos sábados costumávamos convidar amigos que tinham alguma trajetória de estudos, pesquisas, criações artísticas para partilharem seus saberes. A segunda

experiência, a criação do curso de pós-graduação em A Arte de Contar Histórias⁵, que acontecia em outro espaço e já estava indo para a oitava turma. Uma convivência profunda com a produção acadêmica a partir dos saberes de experiência, somado ao quintal de nossa residência, que era visitado por amigos, artistas, jovens produtores culturais, ambas as experiências nos diziam que precisávamos ir mais além.

Exatamente no dia 18 de julho de 2015, inauguramos A Casa Tombada. Ocupamos/alugamos uma casa antiga e destruída — uma iniciativa privada —, uma casa em ruínas, paradoxalmente patrimônio da memória da cidade de São Paulo, e aí iniciamos a experiência de realizar cursos de pós-graduação a partir de uma aliança com a Faconnect – Faculdades Conectadas, e também encontros com pessoas com experiências potentes na produção artística, cultural, educacional da cidade de São Paulo e de outros territórios, todas essas ações apoiadas em nossas principais atuações: criação artística e formativa com a palavra escrita e falada e as práticas das linguagens como poderosos instrumentos de emancipação de um ideário de privilégios e restrições sobre o que é ser artista e intelectual no Brasil, uma espécie de descolonização do imaginário.

Enquanto reformamos o espaço físico d'A Casa Tombada, localizado à época na rua Ministro Godói, 109, no bairro de Perdizes, na cidade de São Paulo, uma mudança se operava em nós também. Os corpos institucionalizados que trazíamos das experiências pregressas aos poucos davam espaço para uma porosidade, para um tempo outro, mais expandido.

As ideias de terminar um trabalho no prazo recorde, de sucesso, de rigor, de eficiência de gestão, aos poucos foram sendo substituídas pela necessidade de ter um corpo disponível para receber, para conversar, para olhar, para cuidar, para gestar verdadeiramente, fazer algo vivo nascer.

Um profundo aprendizado deste período foi o de que, para habitar uma casa, é preciso seguir a autoridade da casa. Pode parecer algo descolado da realidade ou até mesmo um pensamento místico, mas não é. Trata-se de uma analogia para ressignificarmos a palavra autoridade, ou seja, o direito e poder de algo ou alguém fazer-se obedecer, pelo reconhecimento de uma autoria, de uma autenticidade. Portanto, quando dizemos “seguir a autoridade da casa”, não estamos falando de rigidez, fixidez, imutabilidade, ao contrário queremos afirmar a capacidade que a arquitetura de uma casa tem de permitir que as potências da vida aconteçam. Ou seja, foi preciso descobrir a língua d'A Casa para poder conversar com ela.

5 Atualmente este curso intitula-se Narração Artística e continua a acontecer n'A Casa.

Numa casa pode faltar luz, água, chover dentro, acabar o gás para o café. Numa casa pode-se plantar o próprio chá, fazer um bolo, um pão, colher tomates. Numa casa chegam pessoas de modo inesperado. Há que parar para receber quem vem de longe e de surpresa. Há que parar para convidar o outro a entrar.

Aos poucos, a reforma da Casa era também uma reforma nossa, íntima. Foi um processo de descoberta vertical; compreendemos que para habitar é preciso descobrir as matérias do lugar, aparentemente inertes e passivas, e as palavras que nascem da experiência desse convívio. Na época, não tínhamos palavras para nomear esse afeto, mas agora sabemos, junto do antropólogo Tim Ingold (2015), que isso tem um nome. Nenhuma matéria é passiva ou inerte. É preciso atentar para os modos de existência dos materiais, pois eles também fazem coisas conosco. Não somos nós que impomos formas aos materiais. Os materiais, junto conosco, estão em movimento, em relação. Há que seguir as suas forças, compor com os fluxos.

Para começar A Casa, recuperamos pisos originais, madeiras “de lei” machucadas pelo descuido, mas que contavam a história de exploração de madeiras que hoje são ilegais, do processo de escravização do nosso povo, pois a construção d’A Casa datava da virada do século XIX para o século XX. Recuperamos os tijolos aparentes de um barro maciço que fizeram reluzir ainda mais o sol, retiramos as camadas de tintas das escadas até chegar à madeira. Como se tivéssemos devolvido algum respiro a ela. O teto foi reconstruído, as memórias das sancas de cimento preservadas, as árvores secas na entrada d’A Casa começaram a renascer.

O que era sala permaneceu sendo sala. O que era cozinha permaneceu sendo cozinha. O quintal permaneceu sendo quintal. Quarto dos fundos como quarto dos fundos. Os móveis, tal como os de uma casa. Nada no “lugar de”, “como se fosse”. Não queríamos o simulacro — marca da vida da mercantilização — o “como se fosse uma casa”, queríamos um’A Casa. Assim como na literatura, não nos interessa tanto a analogia, ou seja, uma palavra no lugar da outra, mas a imagem poética, a entrada em um *outro real possível*. (LLANSOL, 2011 p. 14)

O gesto de escrita esteve sempre muito presente n’A Casa, criando uma *arquitextura*. São tentativas de materializar uma força poética latente, de conversar por entre as paredes, as lousas e os vidros, para além da fala cotidiana. Geralmente não são textos assinados, para não criar o caráter de citação. São textos “capturados” pelo instante poético.

Aos poucos, os cursos de pós-graduação foram sendo gestados. Atualmente temos nove cursos em andamento, que nasceram de convergências

entre a pergunta *o que precisamos estudar agora?* e o encontro com pessoas pesquisadoras que estavam buscando um lugar para criar, se comprometer. São eles: *Narração Artística: caminhos para contar histórias em contexto urbano*⁶; *O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação*⁷; *A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias*⁸; *A caminhada como método para a arte e educação*⁹; *Gestos de escrita como prática de risco*¹⁰; *Coordenação pedagógica, cartografias da diversidade e das singularidades na atuação coordenadora*¹¹; *A Natureza que somos: filosofias e práticas para uma atuação genuína no mundo*¹²; *Saberes populares para a arte e a educação nas vivências da carroça de mamulengos*¹³; e *Educação e relações étnico-raciais: investigações de cosmopercepções amefricanas*¹⁴. Todos esses cursos possuem uma metodologia própria, de acordo com as suas perguntas e movimentos. Mas, de modo geral, o conhecer se dá a partir do encontro entre as narrativas de si e as narrativas do mundo, sem que uma se sobreponha à outra. Sabemos que o mundo não é explicável nem está pronto; portanto, conhecer é um gesto móvel e inventivo. Há que estudar com o corpo todo e não apenas com a cabeça, com a razão. Há que trazer para perto a inquietação em torno das palavras, o desconforto de viver, a urgência em encontrar uma nova língua para desnomear o que já não faz mais sentido.

-
- 6 Coordenado por Giuliano Tierno (doutor e mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Unesp) e por e Letícia Liesenfeld (mestre em comunicação e artes pela Universidade Nova de Lisboa).
 - 7 Coordenado por Cristiane Rogerio (mestre em Arte Educação no Instituto de Artes da Unesp), Camila Feltre (doutora em Arte Educação no Instituto de Artes da Unesp) e Ananda Luz (doutoranda em Difusão do Conhecimento (DMMDC-UFBA/UNEB/IFBA), mestra em ensino e relações étnico-raciais (UFSB).
 - 8 Coordenado por Adriana Friedmann (doutora em Antropologia pela PUC-SP, mestre em Educação pela Unicamp) e Josca Baroukh (mestre pela faculdade de Educação da USP, graduada em Psicologia pela USP).
 - 9 Coordenado por Edith Derdyk (doutora Honoris Causa pelo 17, Instituto de Estudos Críticos no México).
 - 10 Coordenado por Ângela Castelo Branco (doutora em Artes pelo Instituto de Artes da Unesp, mestre em Educação pela Unesp) e Mariana Galender (graduada em Artes Plásticas pela ECA-USP e em Design de Produto pela Belas Artes, licenciada em artes e pós-graduada pela Casa Tombada).
 - 11 Coordenado por Patrícia Arruda (mestranda no curso de formação de professores em Ciências e Matemática pela Unifesp).
 - 12 Coordenado por Rita Mendonça e Beatriz Tadema (mestre em Economia para Transição pelo Schumacher College, Inglaterra)
 - 13 Coordenado por Maria Gomide – Carroça de Mamulengos (Maria nasceu literalmente em um festival de teatro, e assim está até hoje, vivendo com arte, circo, música).
 - 14 Coordenado por Ananda Luz (doutoranda em Difusão do Conhecimento, DMMDC-UFBA/UNEB/IFBA; mestra em ensino e relações étnico-raciais, Universidade Federal do Sul da Bahia) e Jéssica Silva (mestra em Ensino e Relações Étnico-Raciais, Universidade Federal do Sul da Bahia).

Há que reconhecer que estamos num exercício difícil e demorado: praticar a intimidade e, ao mesmo tempo, exercitar o comum, distanciando-nos do binômio público/privado que já tanto conhecemos nas práticas macropolíticas, conceito especialmente apropriado pelo sistema neoliberal.

Com isso, afirmamos que são as experiências das pessoas que devem nomear os acontecimentos e produzir conhecimentos, e não o inverso; e essa sempre será a chave da nossa atuação. É por isso que entendemos A Casa Tombada como um dispositivo, pensando que o sentido de dispositivo aqui é aquele que deriva da palavra grega *oikonomia*, que, de modo geral, circunscreve um conjunto de modos de viver, pensar e sentir o mundo que traduz concretamente o conjunto de valores de uma certa maneira de conceber o real. No nosso caso, acreditamos que esses caminhos de estudar e conviver nos permitem inventar a vida. Uma vida junto. E essa é uma abertura para as *cenar fulgor* que nos inundam cotidianamente. É a possibilidade de tornarmos a vida um poema, seriamente.

2. MUITO PERTO DA MORTE, AINDA ASSIM ESTUDAR: DESEJO DE VIDA

Foram quase cinco anos convivendo com e nesta casa, neste endereço, recebendo grupos, coletivos, numa intensa produção cultural, inventando modos de estudar junto, cultivando o cotidiano. Até que, em março de 2020, o mundo inteiro foi acometido pela Covid-19, algo que mudaria para sempre a história da nossa vida no planeta e as formas de habitar-mos A Casa. Neste período fechamos as portas d'A Casa e inventamos, como todo mundo, um outro modo de nos relacionarmos com as pessoas. Começamos a levantar referências poéticas, filosóficas e imagéticas para elaborarmos o que estávamos vivendo: o medo da morte. Mas não era suficiente. queríamos mais. Formulamos, então, três pontos de apoio, três tábuas de salvação e passamos a compartilhá-las nas redes sociais: O medo da morte; Ainda assim estudar; e Desejo de Vida. A partir dessa sinceridade em relação ao que estava nos acontecendo, conseguimos as práticas formativas e criamos assim A Casa Nuvem, um lugar digital como desejo de estudo e de vida, com os mesmos princípios d'A Casa física. No começo nos assombramos. Achávamos que o modo liso das telas, sem textura, sem cheiro, sem os gostos cotidianos d'A Casa física, fosse impossibilitar as experiências vivas que tínhamos até então nas práticas d'A Casa.

Pensar a palavra nuvem foi vital e estruturante neste momento. Não estávamos olhando para o céu distanciadamente num dia de sol, brincando

de achar imagens fofinhas nas nuvens de algodão. Estávamos em meio a uma turbulência, enfrentando coletivamente uma tempestade sem hora para acabar. Estávamos descendo a serra num dia de muita neblina, precisando andar em comboio; estávamos caminhando sem conseguir enxergar o final do túnel. Todas essas imagens foram compartilhadas com os habitantes d'A Casa e isso foi nos ajudando a nomear e criar uma língua comum.

Os dias foram passando, e aquilo que parecia impossível aconteceu: a casa inventou uma língua-tátil, um dizer que tocava e que era tocado pelas inúmeras experiências trazidas por aquelas pessoas que chegavam. A ampliação geográfica do público d'A Casa foi tamanha que passamos a dialogar com outros estados brasileiros e outros países. O imponderável e a indeterminação do retorno a alguma normalidade, por causa da pandemia, nos levou a pensar em fechar o espaço físico na cidade de São Paulo e partirmos para uma vida no interior do estado. Mudamos para a cidade de Bragança Paulista e lá encontramos a possibilidade de abrirmos novamente uma casa física.

Quando foi possível a reabertura d'A Casa física, graças à contenção da pandemia pelas medidas sanitárias e ao advento das vacinas, iniciamos as nossas ações culturais em Bragança Paulista. Nesta casa tínhamos uma livraria com o acervo ligado aos cursos d'A Casa Nuvem; um café com comida orgânica; uma residência para receber quem vinha de fora e um ateliê para cursos e oficinas. Realizamos, ao longo de quase dois anos, sessões de Narração de Histórias para crianças e noites de contos com jantares. Propusemos vários experimentos de cursos e oficinas.

Contudo, no final do ano de 2022, depois de uma reflexão profunda sobre o momento que estávamos vivendo, com as aberturas pós-controle da pandemia e com o desejo sincero de retomarmos os pontos de origem d'A Casa, resolvemos voltar para a cidade de São Paulo. Ainda sem uma moradia física, com todas as nossas ações ainda acontecendo n'A Casa Nuvem, mas estudando o melhor lugar para reabrirmos as portas e janelas, para deixarmos a luz entrar.

Como neste ensaio estamos partilhando nossas formas de sustentar, gerir e pensar A Casa, achamos importante partilharmos nosso modo de nos relacionarmos com a comunidade que veio ao encontro d'A Casa. Desde o início, decidimos partilhar o que estamos vivendo a cada momento, articulando oralidade e escrita.

A carta a seguir, a título de exemplo de muitas outras que já produzimos ao longo da história d'A Casa, foi enviada aos “moradores” d'A Casa, expressão esta que utilizamos para nos dirigirmos a todas as pessoas que

passaram ou que ainda estão vinculadas de alguma forma com A Casa, seja ministrando curso, aula, coordenando projetos, contribuindo nas dimensões administrativas, comunicativas, tecnológicas, seja estudando nos cursos ou assistindo a nossas produções como público apreciador. Esta carta foi escrita e enviada a todas as pessoas em janeiro de 2023:

Esta carta é para partilhar o movimento que estamos vivendo agora n'A Casa Tombada. Estivemos por dois anos em Bragança Paulista/SP, numa exuberante casa cujos proprietários, Regina e Sérgio (a quem nos aliançamos como família) são os donos da Escola Viverde. Foram anos de uma experiência intensa em que temos um agradecimento profundo, anos em que praticamos o convívio ético e estético por meio da livraria, do café, da residência e de programações culturais. Nas palavras de uma das visitantes d'A Casa: a gente arrepiava só de entrar lá! Porém, num processo de meditação de meses, em dezembro de 2022, nós encerramos as ações realizadas n'A Casa Tombada física e retornamos para a cidade de São Paulo. A principal motivação foi a de que a gestão dos espaços da livraria, do café e da hospedagem acabou por nos demandar um fôlego que nos desviava do estudo, da pesquisa, da escrita, da energia de estar em aula. Sendo assim, optamos por fechar A Casa física em Bragança Paulista e aprofundarmos ainda mais d'A Casa Nuvem, cuidando dos Ciclos de Estudos, Núcleos de Aprofundamento, cursos autoformativos e Pós-graduações, além da continuidade de nossas assessorias, parcerias e nossos projetos de criação pessoais. Consideramos que o movimento de descentralização e foco no estudo gerado n'A Casa Nuvem são imensos e precisam ser cuidados e sustentados com o nosso melhor. Atualmente estamos escutando o movimento do agora para saber qual o próximo passo a ser dado em direção aos encontros presenciais. Não pretendemos abrir imediatamente um lugar em São Paulo/SP. Estamos tentando entender o que é preciso e necessário fazer agora. Essa pergunta sempre nos conduziu e continuará nos conduzindo. Assim como a sinceridade ao escrever esta carta. Os nossos móveis e objetos afetivos cheios de memórias e presenças estão em um guarda-móveis à espera de um novo e potente caminho que, com certeza, se apresentará. Agradecemos imensamente a todas/todes/todos que estiveram conosco nesses dois anos em Bragança. Seguimos cultivando o sensível, na coragem de continuar na busca de um destino fecundo, com carinho Ângela e Giuliano.

A seguir, partilhamos um pouco de algumas cenas que nos ajudam a compor as nossas tecnologias de gestão, temáticas curatoriais, processos formativos, encontros com os saberes, cultivo de modos de inventarmos a vida juntos.

3. CENAS FULGOR OU A CONSTRUÇÃO DE UM TETO TODO NOSSO¹⁵

Como já enunciado, o conceito de “cenas fulgor” foi proposto pela escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol. É uma maneira de nomearmos acontecimentos marcantes que vivemos ao longo destes quase oito anos de existência, enunciando cada cena como uma “morada de imagens” capazes de florestar nossos pensamentos, nossos dizeres, nossos sentires. Sempre que estamos precisando saber para onde ir ou que decisão tomar, sabemos que é hora de voltar para a fonte. É lá que nunca faltará água. É lá o lugar em que os sentidos e as imagens jorram.

3.1. ENCONTRAR A CASA SEM SABER QUE A ESTÁVAMOS PROCURANDO

Cena fulgor 1: Era uma manhã de um dia qualquer de uma semana do mês de março. O ano era 2015. Estávamos com o filho recém-nascido, caminhando pelo bairro de Perdizes onde morávamos há cerca de oito meses. Tínhamos deixado há pouco nossos trabalhos nas instituições culturais nas quais trabalhávamos. Estávamos sem emprego por opção, pensando quais seriam os próximos passos. Uma frase nos acometia vez o outra, era um pensamento do ensaísta Roland Barthes que dizia mais ou menos assim: chega um dia em que nos percebemos no meio da vida, este “meio da vida” não é relativo aos anos vividos, mas diz respeito a estar dentro da vida, neste dia temos que deixar os nhe-nhe-nhens de lado e decidirmos entrar na vida. Caminhávamos e vimos uma placa presa num portão branco de ferro, num imóvel com tijolinhos à vista bem em frente ao Parque da Água Branca, aonde estávamos indo para passear com o nosso filho. Na placa lia-se: “Alugo”. Não era aluga-se, havia um sujeito a conversar conosco. Foi assim que nós dois lemos. Imediatamente chamamos o número ali impresso. O advogado da ACF (Associação Cívica Feminina), proprietária do imóvel, nos atendeu e disse que representava a mesma. Perguntamos o valor do aluguel e quando ele disse sabíamos que não tínhamos aquele valor. Agradecemos e, quando estávamos desligando, ele nos perguntou para qual finalidade seria o imóvel? Nós ainda não sabíamos. Sabíamos do nosso quintal com partilhas de saberes e da pós-graduação que já estava em andamento. Levar estas ações para lá? E depois? Aquele pensamento de instantes. E num reflexo respondemos: queremos abrir um espaço cultural. Ele nos disse para conhecermos o imóvel. Marcamos naquele mesmo dia, no período da tarde. Uma casa “caindo aos pedaços”, mas com a luz mais linda que já havíamos conhecido. Ali começava A Casa Tombada, que até o dia da assinatura do contrato de locação não tinha nome, mas quando lemos no contrato “este imóvel é

15 Parafraseando o título do livro de Virginia Wolf *Um teto todo seu*.

tombado”, entendemos que o nome seria A Casa Tombada. Nascia um lugar para “tombarmos” o que não podíamos esquecer, um lugar para o cultivo da memória.

3.2. UM MEL QUE ESCORRE PELAS PAREDES

Cena fulgor 2: *Estávamos em reforma em um mês de férias, e o teto de uma das salas se rompeu e caiu. E algo escorreu na parede. Percebemos que era mel, pois havia ali, no vão entre o teto da sala de baixo e o chão da sala de cima, um vão onde viviam abelhas jataí. Fomos pesquisar a história dessas abelhas e descobrimos que elas possuem um significado muito importante para os povos originários. As abelhas jataí simbolizam o início e o fim de tudo. Começamos o ano letivo ainda em reforma, com o teto encapado por um enorme plástico preto, contando essa história para os alunos e oferecendo um mel para que todos pudessem provar. Bem ali, debaixo daquele teto, encontramos uma comunidade de abelhas. O mel não era das abelhas que encontramos ali naquele local, e também ninguém nos perguntou. Mas esse foi um momento ritualístico e de comunhão com os mistérios da Casa. O que interessava naquele instante era essa abertura de real que esse acontecimento nos trazia. Não interessa diferenciar ficção de não ficção, verdade de não verdade. Mas viver poeticamente o que nos acontece.*

3.3. A MULHER QUE TOCOU NOS TIJOLOS: MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO

Cena fulgor 3: *Era o início de uma tarde de quarta-feira. Estávamos voltando do almoço e, chegando próximos d'A Casa, observamos uma mulher, aparentando pouco mais de sessenta anos, usando óculos, de saia e camisa florida, cabelos presos. A mulher deslizava a palma das mãos nos tijolos à vista da fachada d'A Casa. Seus movimentos eram suaves, comprometidos tão completamente com a atenção que nos dava a leitura de alguém descolada do real. Fomos diminuindo a velocidade dos passos e nos aproximando também de uma maneira suave, a fim de não atravessarmos aquela experiência de que agora éramos testemunha. Aproximamo-nos do portão da entrada d'A Casa, à época localizada à rua Ministro Godói, 109 e quando chegamos bem próximos, já com a intenção de entrarmos n'A Casa, simulando que não tínhamos vivenciado aquela cena, a mulher nos aborda: “Meu pai fazia tijolos como este”. Silenciamos. E ela continuou: “Há tanto tempo que não vejo nada parecido”. Nos contou de sua infância no interior do estado da Paraíba e nos confidenciou a alegria de ter vivido numa olaria quando criança. Convidamos a mulher para entrar, como sempre fizemos com os que chegavam. Oferecemos um café, mas ela*

continuava detida nos tijolos. Caminhamos até o fundo d'A Casa, onde havia um quintal, também com tijolos à vista, ela continuava passando a mão naqueles tijolos. Lá no quintal, algumas pessoas que vivenciavam o cotidiano d'A Casa, fazendo a limpeza, a manutenção, os serviços administrativos diários, estavam reunidas discutindo o que fariam com miríades de lagartas espalhadas nas folhas de nossa horta. Ao que cada pessoa dava um palpite: "vamos comprar um veneno, elas vão destruir tudo"; "o melhor seria limparmos as folhas com vinagre"; "é só jogar sal sobre elas que desaparecem". Depois de muitas conversas, um de nós sugeriu algo "sustentável"! Apareceu a sentença: "vamos tirá-las daqui, colocá-las todas numa caixa e levá-las para o parque" (o imóvel ficava em frente ao Parque da Água Branca). Era um gesto aparentemente cuidadoso. A mulher, que estava ali, o tempo inteiro em silêncio, pela primeira vez em nosso quintal, já não tocava mais nos tijolos e agora era inteira a dizer: "o quê? Vocês vão tirá-las daqui sem elas saberem? Vocês sabem o que significa alguém ser tirado de casa sem saber para onde vai?". Uma paisagem capaz de alterar para sempre o nosso modo de escutar os que chegam e como estes nos trazem boas-novas para compreendermos como seguir. Há que deixar entrar. Há que ter tempo para receber quem chega.

4. UM LUGAR PARA CULTIVAR A VIDA JUNTO

Estas cenas e outras que poderíamos narrar nos ajudam a constituir as bases de nosso trabalho artístico, cultural e formativo. Ler o que as placas nos dizem, confiar no mel que escorre pela parede, a simbolização do aparente obstáculo, ouvir quem chega em estado de atenção, mudar para continuarmos sendo os mesmos. Paisagens, encontros, analogias que nos convidam a inventar um lugar, a cultivá-lo para viver junto.

Todo mundo sabe quando um espaço arquitetônico deixa de ser espaço e passa a ser um lugar. Um espaço genérico transforma-se em lugar à medida que criamos uma intimidade com ele e lhe atribuímos valores. A palavra lugar nomeia uma superfície em que podemos nos mover. Onde o que conta é qualidade de nossa ação. O lugar não é medido pelo número de horas que passamos nele ou por quanto pagamos por ele, mas pelo quanto e com que vitalidade podemos nos mover com ele. Isso para nós é um lugar. Por isso chamamos A Casa Tombada de lugar e não de espaço, um lugar de arte, cultura, educação. Criar, estudar, viver, conviver, ter prazer, pensar, conversar, trabalhar, descansar em um mesmo lugar é a nossa maior contravenção. E essa é a maior oposição à necropolítica que quer produzir corpos fragmentados com trabalhos e exigências sem sentido, sem rede de proteção.

A possibilidade de materializar a delicadeza, de exercer o cuidado diariamente é a nossa maior afronta ao macropoder. O convívio estético, a aposta nos afetos do corpo criam novas conversas, despertam novos desejos. Costumamos dizer que esse é um lugar de partilhar aprendizados em que se entra com o corpo inteiro, não apenas com a cabeça. E com a paisagem que cada um é. Ou seja, nos cursos d'A Casa podemos nos sentir à vontade para trazer os filhos para estudar, a mãe idosa, o animal de estimação, esquentar a comida, deitar no chão, pegar uma manta para espantar o frio, reintegrando todos esses movimentos da vida viva à produção de conhecimento, inclusive científico e acadêmico.

Contamos a história do surgimento d'A Casa para afirmar que o lugar e os materiais continuam tendo um papel vital para nosso projeto. Possuem um papel de invenção nos modos de existência singulares.

Assim nasceu a compreensão do que vem a ser um lugar para inventar a vida junto. Este dependerá de fazer a travessia de espaço para lugar. Essa travessia dependerá de ritualizar as práticas cotidianas com convites diários a pertencer.

CONCLUSÃO OU SOBRE A ALIANÇA ENTRE ENSINO, AMIZADE E VIDA FAMILIAR

Este tem sido nosso encontro genuíno com o sentido d'A Casa: estudar habitando, morando, demorando. Como um outro modo de inventar hábitos para estudar, criar, inventar uma vida cujo convívio seja estético e vinculado, dando-nos a todos a sensação de pertença, de bem-estar.

Outro ponto importante dessa malha de afetos é o da afirmação da amizade entre as práticas das oralidades e das escritas em todos os trabalhos que passamos a desenvolver. E essa afirmação se dá cotidianamente pelo contágio, pela experiência com a potência de dizer-escrevendo, escrever-dizendo. O que nos interessa é uma escrita próxima dos sulcos da fala e uma fala próxima dos riscos da escrita. Os encontros de narração oral são invadidos por textos escritos, e os ateliês de escrita não existem sem as experiências da fala em voz alta.

Seja n'A Casa Tombada física ou n'A Casa Nuvem, algo foi sendo produzido com este modo de cuidar, de partilhar o afeto e cuidado, como efeito: a reciprocidade cuidadora.

Nossa espécie, diferentemente do que afirmam as narrativas que insistem em se impor de maneira hegemônica, parece ter uma incrível capacidade de zelar, de amar, de fazer brotar.

É assim que arrancamos do silêncio saberes de experiência que são potências para o mundo, modos de conhecer singulares, únicos. E, para

arrancar o que precisa ser arrancado do silêncio de interdição, é preciso deixar-se invadir pelas notas, pelas cintilâncias, pelos engasgos, pelo dizer poético; mais do que pela ideia de linearidade e de representação do real. Afirmamos insistentemente uma crença na potência das palavras.

E como elas não garantem nem dizem tudo, como a linguagem não coincide conosco, trata-se de uma opção constante pela vulnerabilidade, pela aliança calma com o fracasso quando ele chegar, pela busca de algo que estará sempre mais além.

O amor pelas palavras que a todo tempo nos desestabiliza pode nos ajudar a sair da lógica do poder e do excesso de realidade.

REFERÊNCIAS

- HAN, Byung-Chul. *A salvação do belo*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- LARROSA BONDÍA, Jorge. *Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Lisboaleipzig I: o encontro inesperado do diverso*. Lisboa: Rolim, 1994.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.